



VÍTOR OLIVEIRA

# MORFOLOGIA URBANA

Uma Introdução ao Estudo da  
Forma Física das Cidades

  
PUCPRESS

VÍTOR OLIVEIRA

# MORFOLOGIA URBANA

Uma Introdução ao Estudo da  
Forma Física das Cidades

  
**PUCPRESS**  
Curitiba  
2022

Título original: *Urban Morphology. An Introduction to the Study of the Physical Form of Cities*  
2016, Springer International Publishing Switzerland. Tradução autorizada.

Direitos para edição brasileira

©2022, Vítor Oliveira  
2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

## PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)

### Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

### Vice-Reitor

Vidal Martins

### Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

### PUCPRESS

#### Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

#### Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

#### Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

#### Preparação de texto

Juliana Almeida Colpani Ferezin

#### Revisão técnica

Bruno Augusto Hasenauer Zaitter

#### Revisão

Juliana Almeida Colpani Ferezin

#### Capa e Projeto gráfico

Indianara de Barros

#### Diagramação

Indianara de Barros

### Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amíssis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

### PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

---

048m  
2022  
Oliveira, Vítor  
Morfologia urbana : uma introdução ao estudo da forma física das cidades /  
Vítor Oliveira ; tradução: PUCPR Idiomas. – Curitiba : PUCPRESS, 2022.  
224 p. : il. ; 27,8 cm

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-54945-86-2  
ISBN 978-85-54945-87-9 (e-book)

1. Cidades e vilas. 2. Planejamento urbano. I. Título.

*Aos meus pais — Maria Teresa Araújo e  
Manuel de Oliveira — meus melhores amigos.*

*Para Cláudia, minha esposa,  
por compartilhar minha vida nas últimas duas décadas.*



**Vítor Oliveira**

Faculdade de Engenharia

Universidade do Porto

Departamento de Arquitetura  
Universidade Lusófona do Porto

Porto, Portugal



# AGRADECIMENTOS

Qualquer trabalho que sintetize o pensamento desenvolvido durante um período de tempo significativo deve muito a outras pessoas. É impossível reconhecer todo mundo. Não posso fazer mais do que indicar as principais fontes de inspiração, a maioria delas colegas estudiosos e pesquisadores, cujos caminhos cruzaram o meu em vários momentos.

Primeiro, gostaria de agradecer a Jeremy Whitehand. O primeiro artigo científico sobre morfologia urbana que li, em 2003, quando estava começando minha dissertação de mestrado, foi “Recent advances in urban morphology” de Jeremy Whitehand, publicado em “Urban Studies” em 1992. Esse texto trouxe as primeiras referências na área, descrevendo o trabalho de M.R.G. Conzen e da maioria dos membros do Urban Morphology Research Group (UMRG), de Michael Batty e de Gianfranco Caniggia. Três anos depois, meu primeiro artigo em uma revista revisada por pares, “The morphological dimension of municipal plans”, foi publicado em *Urban Morphology*, a revista editada por Jeremy Whitehand. Durante a última década, de forma direta (mediante conversas pessoais ou por correspondência eletrônica) e indireta (por meio de seu notável e extenso trabalho), Jeremy Whitehand tem sido minha principal influência na área da morfologia urbana. Tenho certeza de que ninguém fez tanto pela nossa área nas últimas duas décadas como Jeremy Whitehand.

Escrever este livro foi possível graças ao Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente (CITTA), que me concedeu um bom período de tempo para trabalhar no texto em 2015. Quero expressar minha profunda gratidão a Paulo Pinho, diretor do centro de pesquisa e orientador das minhas pesquisas de mestrado e doutorado concluídas em 2004 e 2008, respectivamente. Gostaria também de agradecer a outro de meus ex-professores, Alfredo Matos Ferreira, que faleceu recentemente. Em meados dos anos 90, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Matos Ferreira mudou meu foco arquitetônico de “edifícios” para “cidades”. Nos últimos 20 anos, a paixão pelas cidades continuou a fazer parte de nossas conversas.

Vários colegas do International Seminar on Urban Form (ISUF) influenciaram meu pensamento morfológico: Ivor Samuels, Susan Whitehand, Michael Barke, Peter Larkham, Karl Kropf, Michael P. Conzen, Kai Gu, Giancarlo Cataldi, Giuseppe Strappa, Nicola Marzot, Marco Maretto, Paolo Carlotti, Paul Sanders, Tolga Ünlü e Art McCormack. Agradecimentos e apreço são também devidos aos meus colegas da Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM): Teresa Marat-Mendes, Jorge Correia, Nuno Norte Pinto, David Viana, Sandra Pinto, Manuel Teixeira e Teresa Heitor, em Portugal; e Staël Pereira Costa, Cristina Teixeira, Marieta Maciel, Frederico de Holanda, Valério Medeiros, Renato Leão Rego, Karin Meneguetti e Silvio Soares, no Brasil. Bill Hillier e Michael Batty têm sido duas das principais influências na sintaxe espacial e na análise espacial.





# ABREVIATURAS

**MBA** Modelos Baseados em Agentes

**AC** Autômatos Celulares

**CAMUSS** Automata Modeling for Urban and Spatial Systems

**CASA** Centre for Advanced Spatial Analysis

**CISPUT** Centro Internazionale per lo Studio dei Processi Urbani e Territoriali

**CITTA** Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente

**COP** Conference of the Parties

**DCP** Department of City Planning

**ENPAS** Ente Nazionale di Previdenza ed Assicurazione Sociale

**EUR** Esposizione Universale Roma

**INA** Istituto Nazionale delle Assicurazioni

**IPCC** Intergovernmental Panel on Climate Change

**ISSS** International Space Syntax Symposium

**ISUF** International Seminar on Urban Form

**JOSS** The Journal of Space Syntax

**LUBFS** Land Use and Built Form

**LUTI** Land Use Transport Interaction

**PNUM** Rede Lusófona de Morfologia Urbana

**POS** Plan d'Occupation des Sols

**UCL** University College London

**UMRG** Urban Morphology Research Group

**ONU** Organização das Nações Unidas

**UNESCO** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

# LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 2.1</b> Tecidos urbanos de oito cidades diferentes, aproximadamente na mesma escala: Brasília, Djenné, Veneza, Nova Iorque, Barcelona, Paris, Roma e Sanaã.....	37
<b>Figura 2.2</b> Diferentes tecidos urbanos na cidade de Nova Iorque, aproximadamente na mesma escala: Downtown, SoHo, Harlem e Stuyvesant Town .....	38
<b>Figura 2.3</b> Fisiografia do suporte físico (festos e talvegues; centros de distribuição e centros de encontro) e do sistema de ruas (de festo e de talvegue) de Lisboa .....	40
<b>Figura 2.4</b> Relações entre formas urbanas e contexto natural — relevo terrestre: Machu Picchu, Massada, Lhasa e Saint-Michel.....	41
<b>Figura 2.5</b> Relações entre as formas urbanas e o contexto natural — água: Veneza e Varanasi ...	41
<b>Figura 2.6</b> Diferentes ruas em diferentes cidades, aproximadamente na mesma escala: Broadway, cruzamento com a 5th Avenue, em Nova Iorque; Champs-Élysées em Paris; Via Rinaldini em Siena e Reguliersgracht em Amsterdã .....	43
<b>Figura 2.7</b> Diferentes praças em diferentes cidades, aproximadamente na mesma escala: Times Square em Nova Iorque, Place Georges Pompidou em Paris, Piazza del Campo em Siena e Meidan Emam em Isfahan.....	46
<b>Figura 2.8</b> Diferentes praças em Paris, aproximadamente na mesma escala: Place Vendôme, Place des Vosges, Place des Victoires e Place Dauphine .....	48
<b>Figura 2.9</b> Diferentes praças em Roma, aproximadamente na mesma escala: Piazza San Pietro, Piazza del Campidoglio, Piazza Navona e Piazza della Rotonda .....	50
<b>Figura 2.10</b> Limites dos lotes no centro de Pingyao em 2000 .....	53
<b>Figura 2.11</b> Diferentes edifícios em diferentes cidades e vilarejos, nos cinco continentes: Chicago, Djenné, Samosir, Estocolmo e Taumarunui.....	56
<b>Figura 2.12</b> Sucessão de tipos de edifícios na mesma área cultural, Porto .....	57
<b>Figura 3.1</b> Os planos para Barcelona, Amsterdã e Chandigarh.....	70
<b>Figura 4.1</b> As cidades sumérias: Ur — parte da cidade .....	78
<b>Figura 4.2</b> Cidades chinesas: Chang'an e Pequim .....	80
<b>Figura 4.3</b> Cidades gregas: Atenas, Mileto e Priene, aproximadamente na mesma escala .....	81
<b>Figura 4.4</b> Cidade romana: Pompeia.....	83
<b>Figura 4.5</b> Cidade islâmica: Al-Kazimiyah (perto de Bagdá), medina e parte do setor residencial .....	84
<b>Figura 4.6</b> Cidades medievais: Dubrovnik e Rothenburg ob der Tauber .....	87

<b>Figura 4.7</b> Cidades Renascentistas: Palma Nova e Neuf-Brisach, aproximadamente na mesma escala .....	88
<b>Figura 5.1</b> Reprodução do Afbeelding Van de Stadt Amsterdam in Nieuw Neederlandt de Jacques Cortelyou, 1665-1670 .....	94
<b>Figura 5.2</b> Reprodução de “A Plan of the City of New York and its Environs”, de John Montresor, 1766 .....	96
<b>Figura 5.3</b> Reprodução de “The Bridges map” de William Bridges, 1811 .....	97
<b>Figura 5.4</b> Reprodução de “Map of property belonging to C.C. Moore at Chelsea”, 1835.....	98
<b>Figura 5.5</b> Nova Iorque: a) parte sul de Manhattan; b) Lower Manhattan; c) a parte norte de Manhattan; d) SoHo; e) Brooklyn; f) Greenwich Village .....	101
<b>Figura 5.6</b> Reprodução do mapa de Antonio da Conceição, 1549-1589 .....	104
<b>Figura 5.7</b> Reprodução do Plano de Marrakech, 1935 .....	105
<b>Figura 5.8</b> Marrakech: o intrincado padrão de ruas estreitas e a grande praça Jemaa el-Fna.....	105
<b>Figura 5.9</b> Marrakech: a) Praça Jemaa el-Fna; b) e d) ruas na Medina; c) rua no bairro Gueliz; e) Madraça Ben Youssef; e f) <i>souks</i> .....	106
<b>Figura 5.10</b> Reprodução da Planta Redonda de George Balck, 1813 .....	109
<b>Figura 5.11</b> Reprodução da Carta Topographica da Cidade do Porto de Telles Ferreira, 1892..	109
<b>Figura 5.12</b> Novas ruas projetadas pela Junta das Obras Públicas.....	111
<b>Figura 5.13</b> As <i>ilhas</i> do Porto .....	112
<b>Figura 5.14</b> Porto: a) e b) centro histórico; c), d) e e) Baixa; e f) Boavista .....	115
<b>Figura 6.1</b> <i>Studi per una operante storia urbana di Venezia</i> — Quartieri di S. Giovanni Crisostomo, do século XI até a década de 1950.....	121
<b>Figura 6.2</b> Alnwick, Northumberland. A study in town-plan analysis — tipos de unidades de plano.....	123
<b>Figura 6.3</b> <i>The image of the city</i> — a forma visual de Boston, Jersey City e Los Angeles (percursos, limites, nós, setores e marcos) como visto no campo .....	125
<b>Figura 6.4</b> <i>Townscape</i> — visão serial .....	128
<b>Figura 6.5</b> <i>Formes urbaines: de l’ilot à la barre</i> — homenagem a Ernst May .....	132
<b>Figura 6.6</b> <i>The social logic of space</i> — os mapas axiais de Gassin e Barnsbury.....	134
<b>Figura 6.7</b> O plano de Danzig.....	137
<b>Figura 6.8</b> As cinturas periféricas urbanas de Alnwick.....	140
<b>Figura 6.9</b> Cinturas periféricas em escala metropolitana: casos europeus.....	142

<b>Figura 6.10</b> <i>Studi per una operante storia urbana di Roma</i> .....	146
<b>Figura 6.11</b> L'edilizia gotica Veneziana.....	150
<b>Figura 6.12</b> Os mapas axiais de Londres e Tóquio.....	154
<b>Figura 6.13</b> Mapa dos centros de Londres de Michael Batty.....	157
<b>Figura 6.14</b> Fractal de Londres: densidades de emprego.....	161
<b>Figura 6.15</b> Rua de Costa Cabral, Porto: a) e b) ruas, c) lotes; d) edifícios, b) mostra o ano de construção de cada rua de acordo com os principais mapas da cidade.....	164
<b>Figura 6.16</b> As regiões morfológicas da Rua de Costa Cabral, Porto.....	165
<b>Figura 6.17</b> Regiões morfológicas na Rua de Costa Cabral: a) Faixa Arterial (Norte); b) Unidade de Casas Conjugadas de Alta Densidade (Leste); c) Unidade de Casas Geminadas; d) Unidade de Casas Independentes; e) Unidade de Blocos de Apartamentos (Norte); f) Características de Cintura Periférica: Institucional.....	166
<b>Figura 6.18</b> O processo tipológico na Rua de Costa Cabral, Porto.....	168
<b>Figura 6.19</b> Mapa axial do Porto: integração global 1892, 1932, 1948, 1978 e 2010 — a cidade e a área de estudo.....	170
<b>Figura 7.1</b> Barene di San Giuliano (A) e Veneza histórica (B).....	185
<b>Figura 7.2</b> Barene di San Giuliano em Veneza: Estuários I, II e III.....	186
<b>Figura 7.3</b> Asnières-sur-Oise.....	188
<b>Figura 7.4</b> Um tecido urbano mostrado em níveis crescentes de resolução.....	189
<b>Figura 7.5</b> O Plan d'Occupation des Sols de Asnières-sur-Oise: Le Village.....	191
<b>Figura 7.6</b> Jeddah: a) centro histórico, b) assentamentos informais, c) antiga área do aeroporto e d) orla marítima.....	192
<b>Figura 7.7</b> Mapa axial de Jeddah: cenários alternativos.....	193
<b>Figura 7.8</b> Quartiere Garbatella em Roma.....	197
<b>Figura 7.9</b> Ente Nazionale di Previdenza ed Assicurazione Sociale em Bolonha.....	198
<b>Figura 7.10</b> Tate Britain em Londres: análise do edifício existente e avaliação de três propostas diferentes.....	200
<b>Figura 8.1</b> Contribuições da morfologia urbana para nossa vida coletiva nas cidades.....	206

# LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.1</b> Definições de morfologia urbana.....	29
<b>Tabela 3.1</b> Lista de planos influentes na história do planejamento nos séculos XIX e XX.....	66
<b>Tabela 5.1</b> Evolução da população residente em Nova Iorque, 1790-2010 .....	95
<b>Tabela 5.2</b> Evolução da população residente nos cinco bairros de Nova Iorque, 1990-2010 .....	99
<b>Tabela 5.3</b> Evolução da população residente no Porto, 1623-2011. O primeiro censo oficial em Portugal foi realizado em 1864 (todos os dados anteriores a esse censo são representados com a cor vermelha).....	110
<b>Tabela 5.4</b> Evolução das moradias no Porto, 1864-2001 (dados de 1970 não estão disponíveis) ....	112
<b>Tabela 6.1</b> Geografia humana alemã 1890-1939.....	136
<b>Tabela 6.2</b> A contribuição de diferentes atributos morfológicos para a caracterização da paisagem urbana.....	140
<b>Tabela 6.3</b> Distinções básicas entre Muratori e Caniggia.....	148
<b>Tabela 6.4</b> Os principais pontos de contato entre os diferentes conceitos .....	173



# SUMÁRIO

## **Prefácio**

J.W.R. Whitehand .....	19
------------------------	----

## **Prefácio à edição brasileira**

Frederico de Holanda .....	21
Staël de Alvarenga Pereira Costa .....	23

## **CAPÍTULO 1**

<b>Introdução</b> .....	<b>27</b>
1.1 Motivação .....	27
1.2 Tema .....	28
1.3 Estrutura do livro .....	29
Referências .....	32

## **CAPÍTULO 2**

<b>Elementos da Forma Urbana</b> .....	<b>35</b>
2.1 Conceito de Tecido Urbano .....	35
2.2 O Contexto Natural .....	39
2.3 O Sistema de Ruas .....	42
2.4 O Sistema de Lotes .....	51
2.5 O Sistema de Edifícios .....	54
Referências .....	58

## **CAPÍTULO 3**

<b>Agentes e Processos de Transformação Urbana</b> .....	<b>61</b>
3.1 Agentes de Mudança .....	61
3.1.1 Empreendedores .....	62
3.1.2 Arquitetos .....	62
3.1.3 Construtores .....	63
3.1.4 Planejadores no Poder Local .....	64
3.1.5 Políticos Locais .....	65
3.2 Processos de Transformação Urbana .....	66
3.2.1 O Plano .....	66
3.2.2 Implementação do Plano e Gestão Urbana .....	73
Referências .....	75



## **CAPÍTULO 4**

<b>Cidades na História</b> .....	<b>77</b>
4.1 Primeiras cidades .....	77
4.1.1 A Civilização Suméria.....	77
4.1.2 A Civilização Chinesa.....	79
4.2 As Cidades Gregas.....	80
4.3 As Cidades Romanas .....	82
4.4 As Cidades Islâmicas .....	83
4.5 As Cidades Medievais.....	85
4.6 As Cidades Renascentistas .....	87
4.7 As Cidades do Século XIX .....	89
Referências .....	90

## **CAPÍTULO 5**

<b>Três Cidades</b> .....	<b>93</b>
5.1 Nova Iorque.....	93
5.2 Marrakech .....	102
5.3 Porto.....	108
Referências .....	116

## **CAPÍTULO 6**

<b>Estudo da Forma Urbana: Diferentes Abordagens</b> .....	<b>119</b>
6.1 Clássicos da Morfologia Urbana e dos Estudos Urbanos .....	119
6.1.1 Studi Per Una Operante Storia Urbana Di Venezia .....	119
6.1.2 Alnwick, Northumberland — a Study in Town-Plan Analysis .....	122
6.1.3 The Image of the City.....	124
6.1.4 Townscape .....	127
6.1.5 The Death and Life of Great American Cities .....	129
6.1.6 L'Architettura Della Città .....	130
6.1.7 Formes Urbaines: De L'ilot à La Barre .....	131
6.1.8 The Social Logic of Space .....	133
6.2 Diferentes Abordagens Morfológicas .....	134
6.2.1 Abordagem Histórico-Geográfica.....	134
6.2.2 Abordagem Processual Tipológica.....	143
6.2.3 Sintaxe Espacial .....	150
6.2.4 Análise Espacial.....	156
6.3 Estudos Comparativos de Forma Urbana.....	162
6.3.1 Porto.....	163
Referências .....	175

## **CAPÍTULO 7**

<b>Da Teoria à Prática .....</b>	<b>183</b>
7.1 Morfologia Urbana e Planejamento.....	183
7.1.1 Plano para o Barene Di San Giuliano de Saverio Muratori .....	184
7.1.2 Plano para Asnières-Sur-Oise de Ivor Samuels e Karl Kropf .....	187
7.1.3 Planos para Jeddah da Space Syntax Limited .....	191
7.1.4 Integração.....	194
7.2 Morfologia Urbana, Tipologia Edificada e Arquitetura .....	196
Referências .....	201

## **CAPÍTULO 8**

<b>Relações com Outras Áreas do Conhecimento.....</b>	<b>205</b>
8.1 Morfologia Urbana e Sociedade .....	206
8.1.1 Saúde Pública.....	206
8.1.2 Justiça Social .....	208
8.2 Morfologia Urbana e Economia.....	209
8.2.1 Turismo e Patrimônio.....	209
8.3 Morfologia Urbana e Ambiente .....	211
8.3.1 Mudanças Climáticas.....	211
8.3.2 Energia .....	212
Referências .....	213

## **CAPÍTULO 9**

<b>Conclusões.....</b>	<b>217</b>
Referências .....	220



# PREFÁCIO

## J.W.R. WHITEHAND

A morfologia urbana como campo de conhecimento cresceu substancialmente nas últimas duas a três décadas. Isso é evidente não apenas pelo grande aumento do número de artigos sobre este assunto e pela gama de periódicos em que eles aparecem, mas também pelo aumento do número e do tamanho das conferências com temas sobre morfologia urbana. A maioria das principais conferências, juntamente com a criação da revista internacional *Urban Morphology*, teve origem na criação em 1994 do International Seminar on Urban Form (ISUF) — a primeira organização internacional de morfólogos urbanos. Isso também tem sido o catalisador para a formação de várias organizações nacionais e regionais dedicadas a essa área.

Não houve, entretanto, um crescimento proporcional no número de livros sobre morfologia urbana. De fato, é difícil identificar um único livro em inglês que poderia ser facilmente identificado como manual sobre morfologia urbana. Essa lacuna traz problemas aos estudantes que buscam uma introdução concisa na área, bem como aos pesquisadores que chegam até a morfologia urbana e procuram um resumo objetivo de seus objetos de investigação, conceitos e métodos. Essa deficiência foi agora corrigida por Vítor Oliveira, que atualmente é um dos principais colaboradores em âmbito internacional na pesquisa, escrita e edição sobre morfologia urbana, e também um dos estudiosos que mais fizeram para guiar o ISUF no decorrer da segunda década de sua existência.

Ao avaliar o recente florescimento do estudo da forma urbana, é importante não perder de vista a antiguidade do objeto de investigação: a área urbana em todas as suas manifestações físicas, começando pelo seu lugar fundamental nas primeiras civilizações. Como tema de estudo, essas áreas mais intensamente ocupadas da superfície terrestre têm histórias muito longas, embora — como em muitas outras áreas do conhecimento — o aparecimento desse tipo de estudo em periódicos acadêmicos tenha sido raro até o final do século XIX. A quantidade da superfície terrestre coberta por áreas urbanas, entretanto, expandiu enormemente. Ocupada agora por mais de metade da população mundial, não é tarefa fácil encapsular em um único livro um relato conciso, porém abrangente, das formas físicas dessas áreas urbanas e de seus métodos de estudo. Mas Oliveira consegue isso por meio de uma cuidadosa escolha de exemplos, uso mínimo de termos técnicos e uso efetivo de mapas, diagramas e fotografias.

Parte integrante das formas das áreas urbanas são os agentes e agências que as criam e transformam — por exemplo, empreendedores, arquitetos, construtores, planejadores e políticos — e esses também encontram lugar no texto de Oliveira. No entanto, pode-se dizer que uma das contribuições mais importantes do livro diz respeito à reunião de material que todos os morfólogos urbanos, exceto os já estabelecidos, considerariam muito demorado agrupar. O capítulo sobre as diferentes abordagens para o estudo da forma urbana é um ótimo exemplo. Além de apresentar publicações “clássicas” dos principais colaboradores individuais da área, oferece resumos da abordagem histórico-geográfica, da abordagem processual tipológica, da sintaxe espacial e de tipos pertinentes da análise espacial.

Isso leva logicamente à consideração de estudos comparativos que têm sido realizados de diferentes perspectivas.

Há muito aqui que expressa a sensibilidade pessoal de Oliveira pela relação que a morfologia urbana tem com várias disciplinas — geografia, arquitetura e planejamento urbano, para mencionar três das mais importantes. Isso é particularmente evidente nas ligações que ele discute entre a explicação da forma urbana e as maneiras pelas quais ela pode ser posta em prática, inclusive no planejamento urbano. O leitor se beneficia da experiência que o autor tem em aplicar uma apreciação da forma urbana a desafios práticos. As escalas consideradas variam de lotes e edifícios individuais a regiões intraurbanas e cidades inteiras. Há também uma abertura às dimensões social, econômica e ambiental, explorando a morfologia urbana em relação a questões como saúde pública, justiça social, turismo e patrimônio, assim como energia.

Este livro é descrito por seu autor como um manual. Efetivamente, é mais do que isso. É verdade que ele oferece um tratamento sistemático dos atributos básicos da morfologia urbana e, nesse aspecto, é único entre os livros já publicados. No entanto, ele tem um lugar importante na literatura de outra forma. Ele inspira tanto quanto informa. Ele defende uma abordagem que é investigativa e amplamente aplicável, inclusive ao lidar com problemas práticos, mas que também é integrativa. E essa abordagem não só é sensível à história e à cultura, mas também é passível de aplicação sistemática. As diferentes identidades das paisagens urbanas são vistas como centrais tanto para a pesquisa quanto para a prática. Nesse e em outros aspectos, é grande a distância entre o que é defendido aqui e as realidades da prática de planejamento, no mundo real de hoje. Subjacente a esse problema, argumenta Oliveira, está a pouca amplitude em relação à qual muito do que está sendo criado atualmente na paisagem urbana seja orientado por uma boa compreensão da morfologia urbana. Entre seus vários méritos, este livro é um passo valioso na direção de educar novos e potenciais recrutas para a morfologia urbana para que eles possam ajudar a corrigir esse grave defeito.

**J.W.R. Whitehand**

Urban Morphology Research Group,  
Universidade de Birmingham, Reino Unido

# PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

## FREDERICO DE HOLANDA

Multiescalar. Multiaspectual. Multitemporal. As expressões talvez não bastem para fazer justiça à realização de Vítor Oliveira materializada em livro — *Morfologia Urbana* — publicado em inglês em 2016 e ora traduzido no Brasil. O livro nos brinda com o panorama amplo de uma disciplina — melhor ainda, de um campo disciplinar — que se consolida em centros e grupos de pesquisa no Brasil e no mundo, campo do qual Vítor é ilustre membro.

É surpreendente como as reflexões sobre a configuração da cidade moderna — e por tal refiro a cidade que começa a se transformar no final do século XVIII e início do século XIX — é tardia comparativamente à reflexão sobre a arquitetura na escala menor da edificação. Sim, porque cabe explicitar: trato *a cidade como arquitetura* (e mesmo sem combinar com o Vítor, digo que ele também o faz), não à moda de estudiosos como os da Escola de Chicago, em que a abordagem morfológica se limita à especulação de manchas sobre o chão de vários desenhos, mas à moda dos que tratam da configuração de espaços *vividos*, à Henri Lefebvre, no âmbito dos lugares abertos de uso público, dentro dos quais encontramos a alteridade e através dos quais navegamos.

Reconheçamos que houve textos e propostas de reforma, desde os alvares das urbes hodiernas, visando à melhoria da vida da gente. No entanto, a maioria esmagadora de “análises” e projetos eram de caráter normativo (daí as aspas): embarcavam diretamente num suposto *mundo como deveria ser*, contudo a partir de uma visão fantasiosa do *mundo real* que pretendiam modificar. Particularmente os discursos dos pioneiros do Movimento Moderno — Le Corbusier na proa — não tinham substância científica, não eram formulações embasadas em robusta evidência empírica, mas delírios voluntariosos profundamente alérgicos a tudo que se aproximava do *urbanismo como modo de vida* pensado por Louis Wirth, a implicar cidades grandes, densas, contínuas, diversas nos sujeitos sociais e nas suas práticas. Gabriela Tenorio sintetiza-o no *motto*: lugares cheios de gente, de gente variada, de gente o tempo todo. Essa alergia era correlata ao *declínio do homem público*, coincidente com a alvorada dos tempos modernos, como apontam sociólogos do calibre de um Richard Sennett, em livros clássicos.

No entanto, carece fazer justiça a um pioneiro do espaço vivido, ainda do século XIX: Camillo Sitte, e seu emblemático *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos* (1889). Sitte põe os sujeitos *dentro* dos lugares públicos que estuda. Espaço vivido, sim, mas a abordagem de Sitte implicava mormente a relação *mente x espaço*, não a relação *corpo x espaço*: seu foco era a dimensão estética dos lugares urbanos públicos, particularmente as praças. Todavia, depois dele esperamos mais de meio século até que Jane Jacobs publica seu clássico *Morte e vida de grandes cidades* — nunca é demais referi-lo. A partir dela, não podemos mais relevar as implicações da configuração das cidades com relação a nossos corpos e nossas mentes, mesmo que a “grande dama” não tenha tratado em pormenor questões morfológicas — não, ela não era uma morfóloga, mas intuiu, como quase nenhum “morfólogo” o havia feito antes, que, sim, a arquitetura da cidade, se não “determina” nossa vida — como queriam pioneiros do Movimento Moderno à Le Corbusier: “Arquitetura ou Revolução. Podemos evitar a revolução” — cria um campo poderoso de *possibilidades e restrições* a afetarem nossa vida.

É esse campo que Vítor Oliveira agora aprofunda, num livro que generosamente nos abre o olhar para um universo tornado cada vez mais amplo, ao buscar entender a *arquitetura da*

*cidade*. Ressalto: não se trata aqui das “arquiteturas da cidade”, como em Aldo Rossi, cujo foco são conjuntos de prédios; inverte-se a direção da reflexão, pois trata-se, ao contrário, da natureza do sistema que, este sim, define em grande medida o papel que edifícios individuais desempenham, como em Bill Hillier: “os lugares não fazem a cidade, é a cidade que faz os lugares”. O saudoso Jeremy Whitehand já referiu, no prefácio à edição inglesa, aqui também traduzido, o escopo do livro, não carece repeti-lo. Ele referiu também a importância de Vítor em seu envolvimento com os International Seminars on Urban Form e com a Rede Lusófona de Morfologia Urbana, trabalho seminal de organização, fomento e intercâmbio de uma rede internacional de pesquisadores envolvidos no campo. Sublinho, portanto, alguns aspectos de maneira inevitavelmente “enviesada” — informada pela moldura metodológica que adotamos em nosso grupo de pesquisa, o Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Sou seletivo no que se segue: o objetivo é primordialmente informar o leitor sobre o que é mais estimulante no livro, na visão deste escriba, claro.

Para nós — não o “nós majestático”, mas o do nosso grupo de pesquisa — há duas grandes vertentes no estudo da configuração urbana, e uso “configuração” *lato sensu*, a abranger os componentes fundamentais da materialidade da cidade, como os entendo: 1) sua *forma* — quaisquer elementos volumétricos; 2) seus *espaços* — os vãos deixados pelos primeiros, nos quais nos fazemos presentes e através dos quais nos movemos; 3) as relações entre eles, particularmente as relações entre os interiores controlados dos prédios, designados para fins precípuos, e os exteriores livres à apropriação, improvisação, encontro com o Outro. A primeira vertente é o estudo das *causas*: processos ambientais e sociais que *determinam* a configuração, dos quais ela é o *resultado*. A segunda é o estudo dos *efeitos*: como a configuração afeta o meio ambiente e nós, diretamente — nossos corpos e nossas mentes: em que ela *resulta*. Vítor percorre as duas vertentes: ele *descreve* em profundidade os elementos morfológicos — tarefa precípua da *ciência* (Capítulo 2) — e especula sobre os *processos* que a configuram no tempo (Capítulo 3).

Os temas são recorrentes no livro, e ele os revisitará de vários modos. No Capítulo 4 ilustra o argumento com um apanhado da “cidade na história”; no Capítulo 5 ele mergulha em pormenor em três cidades — Nova Iorque, Marrakech e Porto; no Capítulo 6 faz uma apreciação crítica dos principais “paradigmas” dos estudos morfológicos.

Os processos de produção do espaço são retomados no Capítulo 7 — *Da teoria à prática* — não mais em termos de processos gerais, mas referidos à prática profissional do projeto e do planejamento urbano. A natureza intrinsecamente multidisciplinar do planejamento urbano é o gancho para o capítulo seguinte, no qual Vítor discute relações com outros campos de conhecimento.


*Morfologia urbana* é um livro abrangente, que percorre vasta evidência empírica, iluminada, *comme il faut*, por um olhar reflexivo, assim escapando da armadilha do empirismo: este trabalho não se contenta com relatos banais de lugares, eventos e pessoas sem uma reflexão teórica que revele a estrutura profunda que subjaz a esses sítios. É um livro para estar na mesa de cabeceira dos estudantes, pela informação teórica e histórica que contém, porém é mais que isso, na medida em que oferece aos profissionais maduros uma rica discussão de sua própria prática — sobre a qual Vítor Oliveira fala com autoridade, pois tem um pé na academia e outro na profissão, como ilustra o belo projeto da casa de sua família, em parceria com Cláudia Monteiro, na cidade do Porto. Mas isto já é outra conversa...

**Frederico de Holanda**  
Universidade de Brasília









Este é um livro sobre cidades ou, mais precisamente, sobre a forma física das cidades. O livro começa por apresentar os principais elementos de forma urbana – ruas, quarteirões, parcelas e edifícios – que estruturam as nossas cidades, bem como os principais agentes e processos de transformação que moldam esses elementos. Aplica-se, em seguida, uma estrutura analítica para descrever a evolução das cidades ao longo do tempo e, também, para explicar o funcionamento das cidades contemporâneas. Depois de um enfoque inicial no ‘objeto’ (as cidades), o livro descreve o modo como diferentes ‘investigadores’ e diferentes escolas de pensamento têm analisado este ‘objeto’ desde a emergência da Morfologia Urbana, enquanto ciência da forma urbana, na virada para o século XX. Finalmente, o livro tenta identificar os contributos mais importantes (e específicos) que a Morfologia Urbana tem para oferecer às cidades, sociedades e economias contemporâneas.



9 788554 945862

 PUCPRESS